



Asturia vzw



MUSIC FOR FREEDOM

VADEMECUM FOR SOCIAL REINTEGRATION THROUGH MUSIC-BASED TRAINING

PORTUGUESE VERSION



Agenzia Italiana
per la Gioventù



Erasmus+

Enriching lives, opening minds.



Erasmus+
Enriching lives, opening minds.

VADEMECUM FOR SOCIAL REINTEGRATION THROUGH MUSIC-BASED TRAINING



AUTORES

O quarto resultado do projeto foi desenvolvido sob
a orientação da **Aufbruch**
e com o contributo de todos os parceiros.

MAIS ESPECIFICAMENTE:

Mario Bozzo Costa - **EFA**

Danilo Manganelli, Filippo Marcellini, Giuditta Nelli - **Arci Liguria**

Holger Syrbe, Benita Madarati, Sibylle Arndt - **Aufbruch**

Metin Onay- **Izmir**

Gert Hurkmans - **Asturia**

Alexandru Ursulescu - **CPIP**

Agradecemos a todos os parceiros
pela sua colaboração e empenho

Revisão: Erica Laperrier



ÍNDICE

<u>Introdução</u>	<u>7</u>
<u>1. Compreender o Contexto e os Alunos</u>	<u>8</u>
<u>1.1 Apresentar as regulamentações específicas das prisões</u>	<u>8</u>
<u>1.2 Analisar e determinar a sala adequada</u>	<u>8</u>
<u>1.3 Escolha do equipamento</u>	<u>10</u>
<u>1.4 Lições aprendidas</u>	<u>11</u>
<u>2. Alunos e Formadores</u>	<u>12</u>
<u>2.1 Formadores</u>	<u>12</u>
<u>2.2 Reclusos</u>	<u>13</u>
<u>2.3 Lições aprendidas</u>	<u>14</u>
<u>3. A Abordagem Pedagógica / Educativa</u>	<u>14</u>
<u>3.1 O manual</u>	<u>15</u>
<u>3.2 Lições aprendidas</u>	<u>16</u>
<u>4. Empregabilidade e Reinserção Social</u>	<u>17</u>
<u>4.1 Cooperação com Organizações de Apoio</u>	<u>17</u>
<u>4.2 Apoio na elaboração de currículos e portfólios criativos</u>	<u>18</u>
<u>4.2.1 Currículo padrão</u>	<u>18</u>
<u>4.2.2 Portfólios artísticos e plataformas digitais de música (DSPs)</u>	<u>19</u>
<u>4.3 Eventos públicos, exposições e divulgação digital</u>	<u>19</u>
<u>4.4 Lições aprendidas</u>	<u>20</u>
<u>5. Conclusão</u>	<u>21</u>

INTRODUÇÃO

Este *Vademecum* é uma ferramenta única no panorama europeu. Até à data, não existe nenhum instrumento comparável que combine os requisitos pedagógicos da formação em contexto prisional com as responsabilidades mais amplas das indústrias culturais e criativas. Embora tenham sido realizadas iniciativas isoladas a nível nacional, estas permanecem fragmentadas e de alcance limitado. Nenhum quadro europeu codificou previamente estas práticas num instrumento transferível e relevante para a política. Este *Vademecum* serve, portanto, tanto como guia prático para educadores e autoridades prisionais, como roteiro para empresas de música, editoras e organizações culturais que pretendam alinhar os seus compromissos de Responsabilidade Social Corporativa (RSC) com um impacto social concreto.

Ao formalizar este modelo, o *Vademecum* demonstra que a formação baseada em música nas prisões não é uma iniciativa marginal, mas sim uma prática replicável e relevante para a política, capaz de reforçar a coesão social. O foco central do documento é a implementação de oficinas de produção musical em estabelecimentos prisionais. Estas atividades foram testadas e refinadas através do projeto Music 4 Freedom (M4F), que envolveu contextos europeus diversos e consolidou conhecimentos nas dimensões pedagógica, organizacional e institucional. As oficinas têm como base a música hip hop – particularmente a produção de beats – como uma poderosa porta de entrada para a criatividade e a expressão. O hip hop não foi escolhido ao acaso: é um género enraizado na resistência, na identidade e na reflexão sobre realidades sociais, tornando-o especialmente significativo em ambientes marcados pela exclusão e pelo controlo.

A relevância cultural do hip hop reforça ainda a ambição mais ampla do *Vademecum*. Muitos artistas de sucesso internacional neste género têm trajetórias pessoais marcadas pelo crime, pela marginalização ou pela detenção. Os seus percursos ilustram como a prática artística pode servir de caminho para a redenção social, o empoderamento profissional e o reconhecimento comunitário. Ao incorporar este potencial num quadro de formação estruturado, o *Vademecum* liga a experiência vivida pelos participantes a narrativas mais amplas de possibilidade e resiliência.

Para a indústria musical, isto representa uma oportunidade singular. Empresas, editoras e organizações sociais são cada vez mais chamadas a demonstrar RSC, não apenas através de iniciativas ambientais ou comerciais, mas também através do envolvimento com comunidades desfavorecidas e da promoção da inclusão. O *Vademecum* fornece uma metodologia concreta para alcançar estes objetivos: ao colaborar com prisões, ONG e instituições culturais, a indústria pode transformar talento escondido em competência visível, reforçando simultaneamente o seu papel como agente de valor social. Os capítulos seguintes oferecem diretrizes práticas para a implementação. Descrevem os requisitos institucionais para trabalhar no interior das prisões, as competências de formadores e formandos, o quadro pedagógico das oficinas de produção musical e as estratégias para apoiar a empregabilidade e a reintegração social. Cada secção termina com lições aprendidas, garantindo que a ferramenta se mantém enraizada na prática real. Em conjunto, estes elementos tornam o *Vademecum* não apenas um manual de implementação, mas também um ponto de referência europeu pioneiro para a ligação entre música, educação e responsabilidade corporativa.

COMPREENDER O CONTEXTO E OS ALUNOS

1. Compreender o Contexto e os Alunos

1.1 Apresentar as regulamentações específicas das prisões

Cada estabelecimento prisional funciona sob normas rigorosas que influenciam diretamente a implementação de oficinas culturais ou educativas. Antes de iniciar um laboratório de música, é essencial esclarecer o contexto institucional, os procedimentos de segurança e as regras relativas às tecnologias de informação.

É fundamental compreender o contexto institucional e os procedimentos de segurança associados, uma vez que as oficinas devem cumprir uma série de obrigações relacionadas com o funcionamento do estabelecimento prisional.

- Em primeiro lugar, os formadores externos necessitam de uma autorização formal para aceder às instalações prisionais. Isto requer frequentemente verificações de antecedentes, sessões de instrução sobre segurança e, em alguns casos, a assinatura de acordos de confidencialidade. Estes procedimentos podem demorar algum tempo e, uma vez submetida toda a documentação, a associação apenas precisa de aguardar a aprovação. É, portanto, importante integrar estes atrasos nos cronogramas do projeto, de modo a evitar arranques tardios das oficinas.
- Os procedimentos de segurança abrangem também o equipamento, impondo restrições quanto a objetos pessoais e dispositivos informáticos. Como regra geral, todo o equipamento deve ser registado e armazenado de forma segura. Por exemplo, em Itália, os portáteis e controladores MIDI tinham de ser inventariados e trancados após cada sessão, enquanto na Alemanha o laboratório móvel só podia ser montado em espaços supervisionados e desmontado após a sua utilização.
- As limitações relacionadas com tecnologias de informação (TI) também devem ser clarificadas, uma vez que têm um impacto significativo no laboratório. Estes requisitos incluem desde a desativação de portas USB nos computadores até restrições específicas de hardware. Na prisão de Merksplas, na Bélgica, por exemplo, estava proibido o uso de programas comerciais, obrigando os formadores a utilizar DAWs e programas de áudio de código aberto.

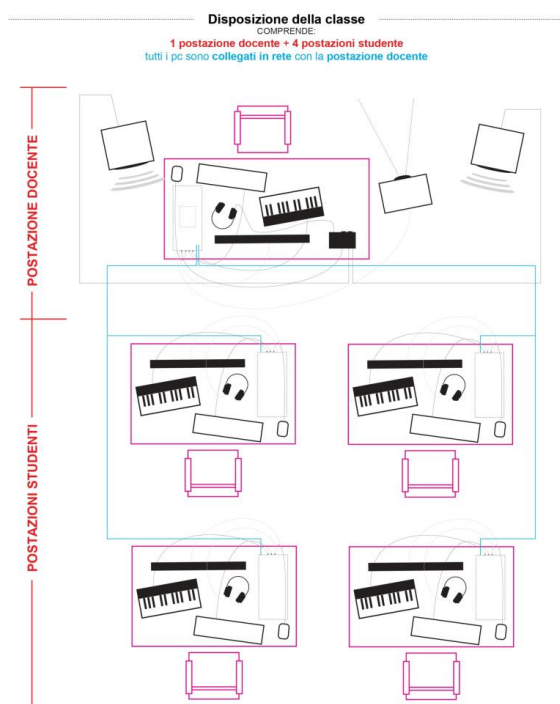
1.2 Analisar e determinar a sala adequada

Identificar e preparar uma sala adequada no interior da prisão é uma etapa fundamental da coordenação institucional. Uma vez que esta decisão impacta diretamente tanto a qualidade pedagógica das oficinas como a viabilidade operacional, abordaremos este tema num parágrafo separado.

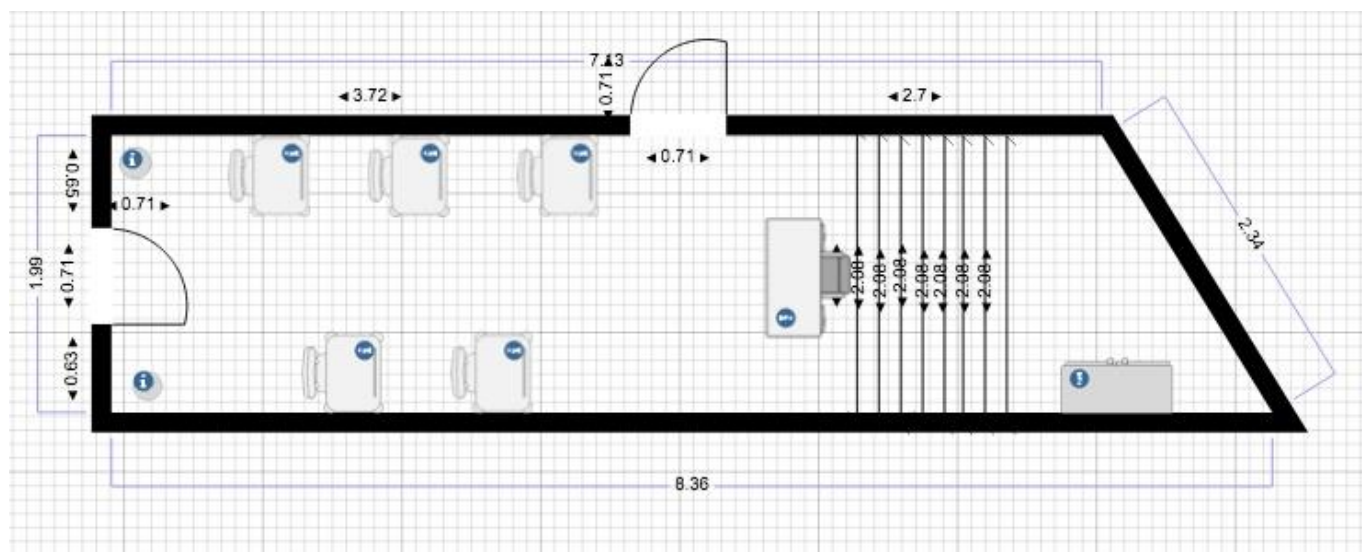
O espaço escolhido deve, em primeiro lugar, cumprir os padrões de segurança: deve ser facilmente vigiado pelo pessoal prisional e guardado quando não estiver a ser utilizado. No entanto, é importante notar que, na maioria das vezes, as instituições prisionais não estão familiarizadas com as necessidades técnicas de um laboratório de produção musical, dado que se trata de um projeto pioneiro no contexto

da UE. Do ponto de vista técnico, a disponibilidade de um espaço permanente e dedicado é o ideal. A sala deve dispor de espaço suficiente para acomodar 4 a 5 postos de trabalho para os alunos e um para o formador/professor. (Idealmente, a secretária do professor deve estar voltada para as dos alunos). A sala deve dispor de uma alimentação elétrica adequada e de espaço suficiente para a gestão dos cabos.

Em Itália, este processo foi facilitado através da preparação de um esquema gráfico simples e de uma planta para ilustrar os requisitos de instalação. Segue-se abaixo o esquema, mostrando a configuração do laboratório e o equipamento:



Este tipo de representação gráfica pode ser muito útil para explicar à prisão as necessidades do laboratório. Verificámos também que é extremamente útil submeter à prisão uma planta do laboratório. A imagem abaixo mostra o laboratório italiano e pode servir como exemplo:



No entanto, esta situação ideal nem sempre é possível na prática.

Na Alemanha, a ausência de um espaço similar exigiu a utilização de **um laboratório móvel**, que tinha de ser montado e desmontado em cada sessão, em diferentes salas, consoante a disponibilidade. Embora esta solução oferecesse flexibilidade, criava também desafios logísticos adicionais. Na Bélgica, as restrições institucionais iam para além do equipamento, abrangendo a **atribuição de espaços e o uso de TI**, com a prisão a exigir que os formadores se adaptassem a salas já utilizadas para outras atividades educativas. Na Roménia, a disponibilidade de salas variava, e o apoio institucional limitado por vezes interrompia a continuidade das sessões, evidenciando como a atribuição de espaço pode ser frágil sem acordos sólidos.

A experiência em diferentes países mostra que a clareza, a comunicação visual e acordos escritos sólidos são as melhores ferramentas para garantir um espaço funcional.

1.3 Escolha do equipamento

Uma análise mais detalhada do equipamento necessário para um laboratório de produção musical é apresentada no *R3 – Diretrizes para a Gestão de Oficinas de Música e Áudio em Prisões*.

A tabela abaixo resume o equipamento necessário:

Lista de equipamento		
Item de equipamento	Função	Especificações / Observações
Computador Portátil ou de Secretária	Unidade central para operar software DAW	Mínimo de 8 GB de RAM, Windows ou macOS
Estação de Trabalho de Áudio Digital (DAW)	Ambiente de produção musical	Ableton Live, Logic Pro ou Audacity (em contextos restritos, para operações limitadas). Em qualquer caso, qualquer DAW é adequada.
Controlador MIDI	Entrada para criação de beats e arranjos	Teclado de 25 ou 49 teclas, com pads/knobs para maior flexibilidade
Interface de Áudio	Placa de som externa para encaminhamento de microfone/auriculares	Focusrite Scarlett ou equivalente
Auriculares de Estúdio	Monitorização individual	Fechados, adequados para ambientes partilhados
Microfone e Suporte	"Gravação de vozes ou samples (quando permitido)	Com filtro pop e suporte
Cabos, Adaptadores, Filtros de Linha	Fiabilidade elétrica e ligação do equipamento	Totalmente etiquetado e inventariado

Isto representa a configuração "padrão" do laboratório. Na prática, foram necessárias adaptações consoante o contexto prisional: por exemplo, na Alemanha implementou-se uma **versão móvel** do equipamento para utilização flexível, enquanto na Bélgica teve de se recorrer a **software open-source** devido a restrições de TI. Relativamente ao preço, é difícil fornecer uma estimativa precisa, especialmente nestes tempos de incerteza económica. No final de 2024, o preço médio da lista de equipamentos acima, com 5 computadores, 5 DAWs, 5 controladores MIDI e 5 auriculares, nos países envolvidos no projeto,

situava-se aproximadamente nos **7.000 EUR**. A prioridade não é alcançar uma configuração profissional perfeita, mas garantir que cada participante tenha acesso a um posto de trabalho que permita realizar o **ciclo completo de produção**: criação de beats, arranjo e gravação.

1.4 Lições aprendidas

- Em primeiro lugar, **identifique os principais intervenientes institucionais** (diretores, responsáveis de segurança, educadores, gestores de TI) e envolva-os antes de montar o laboratório. Discuta com eles para compreender as necessidades da prisão em termos administrativos, de segurança e de procedimentos de TI;
- **Formalize tudo num acordo/protocolo escrito**. Consulte o *R3 – Diretrizes para a Gestão de Oficinas de Música e Áudio em Prisões* para o conteúdo sugerido do acordo;
- **Inicie o processo de autorização dos formadores externos várias semanas antes do início planeado das atividades**. Forneça aos formadores um resumo escrito sobre as regras da prisão (o que podem transportar para o interior, como interagir com o pessoal e com os reclusos);
- **Utilize ferramentas de comunicação visual (esquemas, plantas)** para explicar ao pessoal prisional as necessidades relativas à sala e à configuração. Esta abordagem revelou-se eficaz em Itália para facilitar a compreensão e aprovação;
- **Adapte a escolha da sala ao contexto específico**: um espaço permanente é o ideal, mas laboratórios móveis (Alemanha) ou salas polivalentes (Bélgica, Roménia) podem funcionar se apoiados por acordos claros;
- **Prepare kits de equipamento flexíveis**: um kit “padrão” (computadores, DAWs, interfaces de áudio, controladores MIDI, auriculares, microfones) e um kit “leve” para contextos restritos (DAWs de código aberto, hardware simplificado);
- **Negoceie antecipadamente a solução de armazenamento para os portáteis e equipamentos de áudio e prepare sempre uma lista de inventário clara para o pessoal da prisão**. Planeie tempo extra antes e depois de cada sessão para cumprir os procedimentos de entrada e saída;
- **Garanta um posto de trabalho por participante (portátil, controlador, auriculares)**. Isto é essencial para assegurar o envolvimento ativo e a progressão ao longo de todo o ciclo de produção.

2. Alunos e Formadores

A eficácia do modelo de oficinas M4F depende igualmente das competências de quem as conduz e da capacidade de compreender as necessidades, personalidades e motivações dos alunos. Ao longo do projeto, desenvolvemos um quadro abrangente de competências para formadores e reclusos.

Neste *Vademécum* apresentamos os seus elementos essenciais, fornecendo uma referência prática para a implementação. Para uma análise mais detalhada e teórica, os leitores são convidados a consultar o R3 – *Diretrizes para a Gestão de Oficinas de Música e Áudio em Prisões*.

2.1 Formadores

O papel dos formadores em oficinas de produção musical no interior das prisões vai muito para além da formação técnica. Os formadores atuam simultaneamente como facilitadores da aprendizagem, mediadores entre os reclusos e o pessoal prisional, e como modelos capazes de inspirar confiança e motivação. Por esta razão, o projeto M4F definiu um quadro de competências dedicado, apresentado na tabela abaixo:

Mapa de Competências do Formador / Educador de Jovens		
Área de Competência	Enfoque nas Diretrizes R3	Resultados Típicos do Formador na Oficina
Técnico	Uso avançado de Estações de Trabalho de Áudio Digital (DAWs), configuração de hardware, resolução de problemas e configuração segura de TI no interior da prisão.	Conduz sessões multi-pista; demonstra gravação, edição e mixagem básica; mantém a infraestrutura do laboratório em conformidade e segura.
Criativo	Criação de beats de hip-hop em vários géneros; orientação em arranjos; ligação da produção à escrita lírica.”	Seleciona beats de referência; orienta os participantes na estrutura, refrão e dinâmica; adapta tarefas criativas à cultura do grupo.
Transversal	Planeamento de sessões, apoio gradual à aprendizagem (scaffolding), feedback formativo, acompanhamento do progresso e documentação para avaliação.	Elabora planos de aula modulares; aplica os descritores de competências do R1 para avaliação informal; mantém registos de acompanhamento.
Social	Facilitação sensível a traumas, desescalonamento de conflitos, mediação cultural e estabelecimento de redes com intervenientes externos.	Constrói confiança e um espaço seguro; negocia regras com os reclusos e o pessoal; estabelece ligação com parceiros comunitários para opções pós-libertação.

Mapa de Competências do Recluso / Aprendiz		
Área de Competência	Enfoque nas Diretrizes R3	Progresso Observável do Aprendiz
Técnico	Conhecimentos básicos de informática; navegação em DAWs a nível inicial; criação de loops; gravação e exportação básicas.	Navega num PC utilizando atalhos básicos; consegue preparar pistas, disparar loops, ajustar volume e panorama, e exportar uma mixagem preliminar.
Criativo	Construção de beats a partir de sample packs; experimentação com tempo, swing e efeitos; ligação dos beats a possíveis letras.	Cria um loop original de 8 a 16 compassos; varia padrões de bateria; seleciona sons que refletem o seu gosto pessoal ou narrativa.
Transversal	Trabalho em equipa, persistência, resolução de problemas, cumprimento dos horários das oficinas e das regras do laboratório.	Chega a horas; colabora nos círculos de escuta entre pares; procura ajuda em vez de desistir perante os erros.
Social	Autoexpressão, construção da identidade, colaboração respeitosa e dinâmicas de grupo positivas.	Partilha as origens da faixa durante a discussão em grupo; oferece feedback construtivo; relata maior confiança e sentido de pertença.

Os formadores ideais necessitam de um perfil híbrido, que combine competência em produção musical com competências pedagógicas e de facilitação social, adaptadas às realidades do contexto prisional e a aprendentes em situação de vulnerabilidade.

2.2 Inmates

Avaliar os reclusos antes e durante as oficinas é essencial, dada a diversidade de competências, experiências e percursos educativos. Este quadro identifica quatro domínios de competências e permite aos formadores avaliar os níveis iniciais, adaptar a pedagogia e acompanhar o progresso.

Os reclusos não são aprendentes tradicionais. Operam num ambiente altamente estruturado e, frequentemente, punitivo, com acesso limitado à tecnologia, históricos educativos inconsistentes e, em muitos casos, desafios emocionais ou comportamentais relacionados com traumas pessoais ou marginalização.

A avaliação deve começar com entrevistas de seleção, idealmente em colaboração com educadores e psicólogos prisionais, para avaliar a motivação, a prontidão e as barreiras (como baixo nível de literacia, trauma ou diversidade linguística). É essencial ter uma compreensão mais profunda do contexto e da personalidade das pessoas a quem o projeto se dirige.

2.3 Lições aprendidas

- **Dar prioridade a formadores que possuam tanto competências técnicas em música como experiência de trabalho com populações vulneráveis.** A mera competência técnica sem sensibilidade social cria dificuldades; por outro lado, profissionais com forte perfil social, mas sem formação musical, têm dificuldade em envolver eficazmente os participantes;
- Enquanto organização, **oferecer um programa de formação que aborde o contexto prisional, práticas informadas pelo trauma e competência cultural;**
- **Estabelecer sistemas contínuos de supervisão e apoio entre pares para os formadores.** Trabalhar em ambiente prisional pode ser emocionalmente exigente; os formadores necessitam de oportunidades regulares de reflexão, acompanhamento e desenvolvimento profissional para prevenir o burnout;
- Sempre que possível, **realizar entrevistas individuais com os reclusos em vez de depender exclusivamente dos registos prisionais.** A motivação e o interesse musical funcionam como fortes impulsionadores e são excelentes indicadores de sucesso, que não devem ser ofuscados pelo histórico comportamental;
- **Colaborar estreitamente com educadores e psicólogos prisionais** na seleção dos participantes e ao longo de todo o laboratório. A partilha de perceções sobre as personalidades individuais, dinâmicas de grupo e potenciais conflitos revelou-se inestimável em todos os locais;
- **Estabelecer calendários regulares de comunicação com o pessoal prisional-chave** (atualizações semanais com o coordenador de educação, reuniões mensais com a segurança). A comunicação consistente constrói confiança e previne mal-entendidos;
- **Criar sistemas de documentação partilhada sobre o progresso dos participantes que respeitem tanto os objetivos educativos como os requisitos institucionais.** O pessoal prisional necessita de evidências de que o programa contribui para os objetivos mais amplos de reabilitação.

3. A Abordagem Pedagógica / Educativa

No seu cerne, o M4F é uma iniciativa destinada ao ensino da produção musical digital, especificamente em contextos prisionais. O seu principal objetivo é capacitar os participantes a criar “beats” de hip hop – as bases instrumentais para letras de rap. A escolha do hip hop é intencional e possui um significado pedagógico: sendo um género enraizado na autoexpressão, na identidade cultural e na crítica social, oferece uma oportunidade educativa singular em contextos marcados pela exclusão, marginalização e controlo institucional.

Embora o M4F enfatize a produção de beats em detrimento da escrita de letras, os dois elementos estão profundamente interligados. A experiência ao longo dos workshops demonstrou consistentemente que a integração da escrita com a produção enriquece o processo de aprendizagem como um todo. Quando a criação de beats e a escrita lírica são combinadas, proporcionam um percurso criativo holístico que envolve tanto a mente como a voz – uma abordagem ideal em contextos prisionais, onde os aprendizes frequentemente se encontram desligados de ambos.

Com base nesta premissa pedagógica, o consórcio desenvolveu um Manual de Formação (R2 – Manual para a formação em metodologias e tecnologias de edição áudio em contexto prisional), estruturado em quatro módulos progressivos. Apresentamos aqui as principais características de cada um. Para mais detalhes, consulte diretamente o R2.

3.1 O manual

A metodologia desenvolvida no âmbito do projeto M4F foi concebida com flexibilidade, permitindo adaptação a diferentes níveis de literacia, condições técnicas e limitações temporais. Foi progressivamente refinada com base nas contribuições de formadores e instituições prisionais, garantindo alinhamento com as condições reais da educação em contexto prisional. A estrutura do curso está organizada em quatro módulos (mais um módulo separado sobre Music Business, abordado na seção final do Vademecum), cada um contribuindo para um percurso de aprendizagem gradual. Em conjunto, conduzem os participantes desde uma introdução inicial à cultura hip hop e às ferramentas digitais até à produção autónoma de faixas musicais originais. Cada módulo equilibra a concretização pedagógica com as limitações práticas do contexto prisional.

Módulo 1: Introdução à Cultura Hip Hop e à Tecnologia Musical

O primeiro módulo serve como ponto de entrada no percurso formativo. Liga os participantes às bases culturais do hip hop, enquanto abre a porta para as ferramentas de produção musical digital. O seu objetivo é despertar curiosidade, fomentar a identificação com os valores do género e desmistificar o ambiente técnico. Os participantes são introduzidos às origens sociais do hip hop, aos seus elementos essenciais (DJing, MCing, beatboxing, graffiti, breakdance) e aos valores subjacentes de resistência, identidade e autoexpressão. Paralelamente a esta dimensão cultural, os aprendentes começam a explorar conceitos-chave da música digital – como samples, loops, tempo e padrões – e a experimentar as funções básicas das estações de trabalho de áudio digital (DAWs) num ambiente de apoio e sem pressão.

Módulo 2: Escrita de Letras e Arranjo de um Beat

O segundo módulo introduz os aprendentes à criação estruturada de beats. Aqui, a experimentação evolui para a composição: os participantes selecionam baterias, organizam padrões rítmicos e moldam as suas primeiras ideias musicais. Os objetivos pedagógicos são duplos: por um lado, aprofundar a consciência rítmica e introduzir a estrutura típica de uma canção (intro, verso, refrão, ponte); por outro, fomentar a intenção criativa e a autoexpressão através da escrita de letras. Ao guiar os participantes no arranjo e no fluxo da música, o módulo capacita-os a traduzir ideias espontâneas em formas musicais coerentes.

Módulo 3: Produção e Desenvolvimento de Beats

O terceiro módulo constitui o núcleo criativo do percurso formativo. Nesta etapa, os participantes aperfeiçoam as suas composições e introduzem camadas de complexidade, desenvolvendo simultaneamente a sua competência técnica e a sensibilidade artística. Os participantes são incentivados a trabalhar com arranjos multi-camadas, combinando baterias, linhas de baixo, melodias e efeitos para criar paisagens sonoras mais ricas. O foco é colocado na textura, no ambiente e nas convenções do género – desde trap e drill até boom-bap e lo-fi – permitindo que os participantes situem as suas criações num contexto musical mais amplo. Esta exploração introduz ferramentas mais avançadas, como automação, equalização, filtros e dinâmica, ao mesmo tempo que apoia o desenvolvimento de um estilo pessoal e de uma identidade musical.

Módulo 4: Mistura e Masterização (Pós-Produção)

O módulo final centra-se no processo de finalização de uma faixa através da mistura e masterização.

Embora nem sempre seja totalmente implementado em todos os laboratórios de formação, revelou um elevado valor pedagógico onde foi aplicado. Permite aos participantes consolidar competências técnicas, enquanto experienciam a satisfação de produzir uma obra finalizada e partilhável. Os participantes são introduzidos aos fundamentos da pós-produção: definição de níveis (gain staging), equilíbrio de volumes, aplicação de equalização e modelação do campo estéreo. Também entram em contacto com conceitos como compressão e exportação, essenciais para preparar uma faixa para distribuição. Estes quatro módulos criam um percurso coerente e progressivo, que vai da exploração cultural e da experimentação criativa ao aperfeiçoamento técnico e à produção final. Ao fazê-lo, incorporam o duplo objetivo da metodologia M4F: promover tanto o crescimento artístico como o empoderamento pessoal através da formação baseada na música.

3.2 Lições aprendidas

- **Começar com exercícios simples e acessíveis foi fundamental.** Muitos participantes possuíam competências digitais ou musicais limitados, e avançar diretamente para composições complexas teria sido desmotivador. A utilização de loops, beats pré-feitos ou templates guiados ajudou a criar sucessos iniciais e confiança, especialmente na fase final do Módulo 1.
- **Uma pedagogia informal e orientada para o processo teve grande aceitação entre os reclusos.** Permitir a experimentação, os erros e o método de tentativa e erro fomentou a persistência e a autodescoberta. Esta abordagem centrada no aprendiz ajudou os participantes a reencontrar-se com a educação, mesmo em casos de experiências escolares negativas anteriores.
- **A escrita de letras surgia frequentemente de forma natural, mesmo que não fosse planeada sistematicamente.** Quando os participantes eram incentivados a escrever, isso tornava-se uma ferramenta poderosa para a literacia, autorreflexão e expressão emocional, complementando os aspetos técnicos da criação de beats. Os formadores observaram que isto enriqueceu significativamente os Módulos 2 e 3.
- **Equilibrar liberdade e estrutura revelou-se essencial.** Acordos de grupo claros e regras consistentes criaram um ambiente seguro e respeitador, enquanto permitiam aos reclusos assumir a propriedade criativa dos seus projetos.
- **A aprendizagem entre pares e a mentoria desenvolveram-se de forma natural nos workshops.** Participantes mais fortes apoiavam os mais fracos, o que não só acelerava o processo de aprendizagem, como também reforçava a solidariedade e reduzia conflitos. Os formadores enfatizaram que isto só foi possível graças a um esforço constante para criar um ambiente não competitivo. Projetos colaborativos, especialmente aqueles envolvendo letras, desempenharam um papel central nesta dinâmica.
- **As frequentes interrupções institucionais exigiram um planeamento modular.** Transferências, saídas antecipadas ou alterações inesperadas de horário interrompiam frequentemente o processo de aprendizagem. Estruturar o curso em etapas autónomas garantiu que cada fase tivesse valor próprio, de modo que mesmo a participação parcial resultasse em progresso concreto.
- **A produção musical transformou a forma como os reclusos se compreendiam.** Criar beats e faixas proporcionou-lhes um sentido de autoria e autonomia, mudando a autoimagem de destinatários passivos de punição para criadores ativos de significado.
- **A natureza rítmica e repetitiva da criação de beats ajudou a promover foco e autorregulação.** Participantes inicialmente inquietos ou desinteressados frequentemente encontraram calma e concentração ao organizar sons, o que contribuiu para a sua estabilidade emocional.
- **Completar uma faixa, mesmo que simples, representou um marco motivacional poderoso.** Ouvir as próprias produções e receber feedback gerou orgulho e reforçou a vontade de continuar a aprender. Resultados concretos foram determinantes na motivação e na autoestima.

EMPREGABILIDADE E REINserção SOCIAL

4. Empregabilidade e Reinserção Social

A empregabilidade no setor musical é uma questão complexa e altamente competitiva. Mesmo para profissionais experientes, construir uma carreira sustentável nesta área exige persistência, criação de redes de contacto e constante adaptação. É, portanto, essencial esclarecer aos participantes que o objetivo da formação baseada na música não é garantir um emprego direto na indústria, mas sim dotá-los das ferramentas, competências e autoconfiança necessárias para aproveitar as oportunidades quando estas surgirem.

Gerir expectativas é uma parte crucial do processo de reintegração. Os reclusos devem compreender que o caminho para uma participação profissional no setor musical é exigente e incerto. No entanto, ao aprenderem a criar música, apresentar o seu trabalho e estabelecer ligações com redes e organizações, adquirem competências e atitudes que vão muito além do estúdio. Estas incluem trabalho em equipa, literacia digital, criatividade, disciplina e resiliência – competências valiosas em múltiplos setores, tanto dentro como fora do campo cultural.

Ao mesmo tempo, o papel da indústria musical não deve ser negligenciado. Empresas, editoras e organizações culturais podem demonstrar a sua Responsabilidade Social Corporativa (RSC) ao facilitar o acesso a redes, oferecer mentoria e reconhecer talentos ocultos. Embora tais contributos não garantam emprego, podem reduzir barreiras e apoiar os reclusos na construção de percursos após a sua libertação. O Vademecum promove, assim, uma visão realista, mas ambiciosa: dotar os participantes de competências enquanto incentiva os agentes da indústria a partilhar a responsabilidade de transformar o potencial criativo em oportunidades de reintegração.

Este capítulo centra-se, portanto, em como a formação em produção musical pode apoiar a empregabilidade e a reintegração – não prometendo empregos, mas preparando os participantes para enfrentar o mercado de trabalho e o “mundo exterior” com ferramentas mais sólidas e perspetivas realistas.

4.1 Cooperação com Organizações de Apoio

A reintegração não pode ser alcançada apenas dentro das paredes da prisão. O seu maior impacto surge quando está integrada numa rede mais ampla de atores sociais, culturais e profissionais que possam garantir continuidade e reconhecimento para além da detenção. A cooperação com organizações de apoio externas é, por isso, um pilar fundamental das estratégias de empregabilidade e reintegração.

As parcerias com ONGs, empresas sociais, centros culturais e editoras musicais de carácter social ampliam o alcance da aprendizagem desenvolvida em contexto prisional. Estas organizações podem oferecer acesso a salas de ensaio, estúdios de gravação ou oportunidades de mentoria que, de outro modo, estariam fora do alcance dos ex-reclusos após a sua libertação. Desta forma, as competências e a motivação adquiridas durante os workshops deixam de ser experiências isoladas e transformam-se em etapas concretas rumo a uma participação social de longo prazo.

A implementação do M4F demonstrou na prática o valor destas parcerias. Em Itália, a colaboração com a agência regional ALFA permitiu o reconhecimento das competências desenvolvidas em contexto prisional através de quadros de certificação existentes. Na Turquia, a criação de um estúdio permanente na Direção

de Liberdade Condicional de İzmir abriu já caminho para a continuação da prática criativa e da colaboração comunitária. Na Bélgica, a cooperação com prestadores de educação de adultos permitiu que os participantes continuassem a sua formação após a libertação, garantindo que a aprendizagem não fosse abruptamente interrompida à saída da prisão. Estes exemplos evidenciam como o enraizamento institucional e o envolvimento da sociedade civil se complementam para garantir a sustentabilidade.

Do ponto de vista pedagógico, a cooperação externa também enriquece o próprio ambiente dos workshops. Convidar artistas, educadores ou mediadores culturais de fora cria momentos de intercâmbio que ajudam os reclusos a situar o seu trabalho numa comunidade de prática mais ampla. Esta exposição reduz o isolamento, fomenta a motivação e reforça a perceção de que a expressão criativa tem relevância para além do microcosmo prisional.

Para organizações que desejem replicar este modelo, o envolvimento precoce e proativo das partes interessadas é fundamental. Os Memorandos de Entendimento – desenvolvidos durante o último ano do projeto – devem ser celebrados desde o início com os potenciais parceiros, clarificando papéis, responsabilidades e compromissos de longo prazo.

Idealmente, a rede de parceiros não deve apoiar apenas a dimensão educativa, mas também incluir serviços de reintegração, centros juvenis e plataformas da indústria musical.

O envolvimento de empresas e editoras musicais é particularmente relevante, pois permite ao setor exercer a sua Responsabilidade Social Corporativa de forma concreta: apoiando grupos desfavorecidos, reconhecendo talentos ocultos e criando pontes entre o contexto prisional e ambientes criativos profissionais. Um ecossistema com múltiplos atores constitui a melhor garantia de que as competências desenvolvidas na prisão podem ser transformadas em oportunidades significativas fora dela.

4.2 Apoio na elaboração de currículos e portfólios criativos

4.2.1 Currículo padrão

Os reclusos devem ser apoiados a apresentar as suas novas competências de forma compreensível para empregadores e instituições. Os workshops de produção musical desenvolveram competências valiosas; contudo, sem documentação adequada, estas frequentemente permanecem invisíveis. A orientação estruturada na preparação de currículos padrão e portfólios criativos mais específicos garante que os resultados da aprendizagem sejam traduzidos em formatos reconhecidos e possam constituir ativos reais no processo de reintegração.

O currículo padrão não deve restringir-se à escolaridade ou experiência profissional tradicionais, que muitas vezes são fragmentadas no caso dos reclusos. Graças ao curso, deve evidenciar competências transversais desenvolvidas nos workshops, desde soft skills como trabalho em equipa, resolução de problemas, criatividade e persistência, até competências técnicas mais específicas, como edição de áudio. Formadores e educadores podem desempenhar um papel ativo ao ajudar os participantes a articular estas conquistas numa linguagem acessível e apelativa para empregadores.

Estas competências devem, sempre que possível, ser articuladas com quadros reconhecidos, como as Competências-Chave da UE para a Aprendizagem ao Longo da Vida, o Quadro Europeu de Qualificações (EQF) ou os padrões nacionais de EFP (Educação e Formação Profissional). Ao longo do projeto, as organizações parceiras e o consórcio exploraram coletivamente os quadros nacionais e europeus de reconhecimento de competências para reforçar este alinhamento. Mapear os resultados dos workshops

nesses quadros aumenta a sua legitimidade, tornando-os mais credíveis para os serviços de emprego, sistemas de educação de adultos e empregadores.

4.2.2 Artistic portfolios and DSPs

Para além do currículo tradicional, os portfólios artísticos permitem aos participantes apresentar resultados concretos. Estes aspetos são igualmente abordados no Módulo 5, Negócios da Música e Distribuição, do R2 do projeto M4F. Para mais informações, consulte esse recurso.

Identificámos vários formatos digitais comumente utilizados por artistas para apresentar o seu trabalho:

- **Websites pessoais:** Criados com plataformas como Wix, Squarespace, Pixpa ou Mobirise, permitem a músicos e bandas apresentar de forma profissional e pessoal faixas de áudio, vídeos de performances, biografias, playlists, calendários de eventos, fotografias e materiais para download.
- **EPK (Electronic Press Kit):** Um “press kit eletrónico” que inclui faixas de áudio/vídeo, biografia, créditos, citações da imprensa, contactos e materiais visuais, otimizado para promoção e colaborações.
- **Linktree / agregadores de links:** Coleções de links para plataformas de música, redes sociais e serviços de streaming onde a música do artista pode ser encontrada.

Para manter estes portfólios, os participantes devem ser introduzidos às Plataformas Digitais de Streaming (DSPs). Compreender como a música chega ao público através destas plataformas é uma competência essencial para quem pretende continuar ativo no campo criativo. Serviços como Spotify, Apple Music, Deezer, Amazon Music e Bandcamp são atualmente os principais canais através dos quais a música é consumida em todo o mundo. Introduzir os reclusos a estas plataformas proporciona tanto inspiração como conhecimento prático sobre como o trabalho criativo pode ser partilhado para além das paredes da prisão. Os workshops devem explicar, em linguagem acessível, as diferenças entre as plataformas – por exemplo, o alcance global do Spotify comparado ao modelo de receitas mais favorável ao artista do Bandcamp. Os formadores podem depois demonstrar, passo a passo, o processo de distribuição através de agregadores como DistroKid ou TuneCore, destacando a importância de inserir corretamente os metadados (títulos, créditos, capa) e de assegurar a qualidade técnica (bit rate, formato de ficheiro). Quando o upload direto não for possível durante o período de encarceramento, o processo pode ser simulado com materiais visuais ou guias impressos, e os elementos prontos para publicação – masters, metadados, artwork, EPKs – podem ser preparados para utilização imediata após a libertação.

Este conhecimento não é apenas técnico, mas também motivacional: quando os participantes percebem um percurso claro desde a sua faixa até a um público potencial, começam a entender o seu trabalho como parte de um ecossistema mais amplo. Combinado com a consciência sobre direitos de autor e royalties, isto fornece-lhes a base para gerir de forma responsável a sua produção criativa e imaginar oportunidades futuras na economia cultural e digital. Todo o trabalho relacionado com portfólios e DSPs deve, no entanto, cumprir as salvaguardas descritas na secção seguinte sobre divulgação.

4.3 Eventos públicos, exposições e divulgação digital

Mostrar o trabalho realizado no interior da prisão é extremamente importante e constitui uma ferramenta poderosa para a reintegração social. Quando os reclusos têm a oportunidade de apresentar o seu trabalho – seja através de eventos públicos, exposições ou mostras internas na própria prisão – isso não só valida

o seu esforço, como também promove orgulho e motivação. O ato de apresentar música a um público fomenta o reconhecimento, estabelece identidades positivas e demonstra que a criatividade significativa pode emergir mesmo em ambientes restritivos.

Em paralelo, a divulgação digital oferece outro caminho importante. Plataformas controladas, rádios de prisão ou streaming através de organizações parceiras permitem que a música chegue a públicos para lá da instituição. Após a libertação, as redes sociais e plataformas mainstream podem ser usadas para aumentar ainda mais a visibilidade, reduzindo o estigma ao apresentar os reclusos não como infratores, mas como criadores e contribuintes culturais. Estas atividades também promovem o envolvimento da comunidade, mostrando à sociedade em geral o potencial reabilitativo e expressivo do trabalho artístico em contextos prisionais.

No entanto, a divulgação também envolve riscos que devem ser cuidadosamente geridos. O manual de formação sublinha que nenhuma partilha externa de faixas, imagens ou materiais deve ocorrer sem permissão escrita explícita. Um formulário de autorização formal, assinado pelo recluso, pela instituição e pela organização implementadora, é essencial para salvaguardar os direitos pessoais e prevenir usos indevidos. Como estes processos exigem tempo, a divulgação deve ser planeada com bastante antecedência em relação a qualquer evento ou publicação pretendida.

Da mesma forma, os formadores devem estar atentos a questões de exposição de identidade e re-estigmatização. Partilhar histórias pessoais, nomes ou imagens reconhecíveis sem proteção adequada pode prejudicar os participantes após a libertação. Para evitar reforçar estigmas, a música deve ser apresentada como uma produção cultural valiosa, em vez de ser rotulada como “trabalho prisional”. A atenção aos direitos de autor é igualmente importante. Muitos beats e samples estão protegidos por lei de propriedade intelectual, e a divulgação de faixas sem a verificação dos direitos pode expor tanto os participantes como as instituições a consequências legais. Os formadores devem, portanto, promover o uso de conteúdos originais ou materiais livres de royalties.

Uma precaução semelhante é necessária relativamente às letras e aos temas abordados: música que contenha mensagens violentas, discriminatórias ou prejudiciais corre o risco de comprometer os objetivos reabilitativos do workshop. Os formadores têm a responsabilidade de orientar os participantes para uma expressão construtiva e de garantir que o material selecionado para divulgação pública apoie um envolvimento social positivo.

Por fim, a questão da propriedade e da compensação não deve ser negligenciada. Toda a música produzida nos workshops continua a ser propriedade dos participantes. Utilizar essas obras para fins promocionais sem consentimento informado, ou sem garantir reconhecimento e compensação justos, constituiria exploração. Quando a divulgação externa completa não for viável, sessões de audição internas ou circulação controlada dentro da instituição podem proporcionar reconhecimento, evitando os riscos de exposição. A atribuição correta de créditos, a documentação adequada e a clareza sobre os objetivos de utilização são essenciais para garantir que a divulgação se mantenha uma prática potenciadora, e não prejudicial.

4.4 Lições aprendidas

- **As parcerias externas são essenciais.** Os esforços de reintegração são mais eficazes quando estão inseridos em redes de ONG, centros culturais, entidades de educação de adultos e atores da indústria musical. Acordos de cooperação e colaboração estruturada garantem continuidade, tanto durante a detenção como após a libertação.
- **As competências devem ser visíveis.** Sem uma documentação adequada, as competências

desenvolvidas através da produção musical correm o risco de permanecer invisíveis. Apoiar os reclusos na elaboração de CV e portfólios ligados a quadros reconhecidos (Competências-Chave da UE, EQF, normas nacionais de EFP) aumenta a sua legitimidade e torna-as compreensíveis para empregadores e instituições.

- **Os portfólios artísticos reforçam motivação e credibilidade.** A preparação de portfólios profissionais, inspirados em práticas da indústria, como EPK, websites pessoais ou agregadores de links, fornece aos participantes ferramentas para se apresentarem como artistas. Mesmo quando a divulgação online direta não é possível na prisão, preparar materiais prontos para divulgação após a libertação garante continuidade.
- **A consciência sobre o negócio da música e DSPs acrescenta valor.** Introduzir os reclusos a plataformas digitais de streaming e aos processos de distribuição liga o seu trabalho criativo a caminhos reais. Compreender metadados, direitos de autor e royalties não só proporciona conhecimento técnico, como também dá aos participantes uma visão do seu papel potencial na economia cultural.
- **A divulgação deve ser cuidadosamente gerida.** Eventos públicos e lançamentos digitais são ferramentas poderosas para reconhecimento e construção de identidade, mas acarretam riscos. Consentimento informado, verificação de direitos de autor e proteção contra re-estigmatização são salvaguardas essenciais. Sem estas, a divulgação corre o risco de exploração ou dano, em vez de empoderamento.
- **O reconhecimento pode assumir múltiplas formas.** Mesmo quando a divulgação externa não é viável, mostras internas ou circulação controlada dentro da prisão ou entre parceiros podem fornecer reconhecimento significativo. Estas alternativas reforçam a confiança, o sentimento de pertença e a motivação, evitando riscos de exposição desnecessários.

5. Conclusão

O Vademécum M4F é a primeira ferramenta europeia a ligar a formação musical em prisões com estratégias mais amplas de empregabilidade, reintegração e Responsabilidade Social Corporativa. O seu valor reside em transformar o potencial criativo em competências visíveis e reconhecíveis, demonstrando que os percursos da detenção para a participação podem ser estruturados, reconhecidos e apoiados.

Ao partilhar três anos de experiência e know-how, o Vademécum oferece um quadro prático e um apelo à ação. Convida **empresas musicais, instituições culturais e intervenientes sociais** a partilharem responsabilidades, lançando **laboratórios criativos, abrindo o acesso a espaços, oferecendo mentoria e reconhecendo talentos** que, de outra forma, poderiam permanecer invisíveis.



MUSIC FOR FREEDOM



music4freedom.eu



contact@music4freedom.eu



/m4f.eu



Asturia vzw



ESCOLA DE
TECNOLOGIAS
INOVAÇÃO
E CRIAÇÃO



Erasmus+

Enriching lives, opening minds.



Agenzia Italiana
per la Gioventù

